



REVISTA ARTÍFICES - DOSSIÊ O BRASIL NA PANDEMIA: O ANTES, O AGORA E O DEPOIS.

Entrevista com o Prof. Dr. Luiz Felipe Miguel (UnB) ¹

Revista Artífices: Fale um pouco sobre sua trajetória profissional.

Luiz Miguel: Sou formado em Jornalismo, porém exerci a profissão por pouco tempo, em Santa Catarina. Em seguida, voltei-me para a área acadêmica e fiz meu doutorado em Ciências Sociais, na Unicamp, concluindo em 1997. No ano anterior, já havia me tornado professor de Ciência Política da Universidade de Brasília, onde permaneço até hoje e onde fundei, em 2001, o Grupo de Pesquisa sobre Democracia e Desigualdades (Demodê). No mestrado, estudei relações civis-militares, especificamente, o papel das Forças Armadas no primeiro governo civil, após 1964 (o governo Sarney). No entanto, deixei de lado essa temática, após acompanhar a tendência errônea, como hoje está claro - das ciências sociais brasileiras de relegá-la a segundo plano, quando a presença dos militares na política se tornou um pouco menos ostensiva. No doutorado, estudei discurso político, o que me levou para o campo de mídia e política, no qual trabalhei por muito tempo. Nunca cheguei a abandoná-lo de vez, mas a partir de um entendimento crescente de que os meios de comunicação são uma arena representativa, desloquei-me para os estudos de representação política e democracia, que é a área a qual mais publiquei.

¹ Professor titular livre do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, onde coordena o Grupo de Pesquisa sobre Democracia e Desigualdades (Demodê), e pesquisador do CNPq. Publicou, entre outros, os livros *Democracia e representação: territórios em disputa* (Editora Unesp, 2014), *Dominação e resistência* (Boitempo, 2018) e *O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao golpe de 2016* (Expressão Popular, 2019). E-mail: luisfelipemiguel@gmail.com.



REVISTA ARTÍFICES: CONTE UM POUCO SOBRE O QUE VOCÊ TEM ESTUDADO/PESQUISADO SOBRE O ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO.

Luiz Miguel: A crise da democracia brasileira motivou uma mudança no meu foco de pesquisa. Há tempos tinha tomado um caráter mais teórico (ainda que, fiel ao ensinamento de Pierre Bourdieu². Nunca tinha querido produzir uma "teoria teórica", ou seja, descolada da realidade. Dessa forma, busquei entender as razões pelas quais nossas instituições ruíram de maneira tão rápida, abrindo as portas para o golpe de 2016, e todos os retrocessos que se desenrolam desde então. Para tanto, tenho investigado os limites estruturais de nossa "transição democrática", recorrentes em nossa história política e próprios de uma democracia que tenta se construir em situação de capitalismo periférico. Também, tenho voltado aos meus velhos interesses de pesquisas: Forças Armadas e mídia que se constituem como atores importantes da crise.

REVISTA ARTÍFICES: COMO VOCÊ AVALIA A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS NA GESTÃO DAS CRISES DEFLAGRADAS COM A PANDEMIA DA COVID-19?

Luiz Miguel: Algumas iniciativas mais alucinadas de Bolsonaro foram barradas, mas não foram o suficiente. A tragédia sanitária e social que atravessamos é a prova disto. O Executivo federal boicotou as medidas necessárias de isolamento social, recusou a compra de vacinas, omitiu-se da efetiva coordenação nacional do esforço de vacinação quando finalmente ele se iniciou. Há fortes indícios de práticas de corrupção vinculadas à pandemia. Ao mesmo tempo, omitiu-se de estabelecer programas de ajuda aos assalariados, aos autônomos e às pequenas empresas. Na verdade, opôs-se ao auxílio emergencial, único e insuficiente apoio dado pelo Estado brasileiro, obtido graças ao esforço da oposição no Congresso. Com isso, milhões de brasileiros foram empurrados para uma escolha dramática entre proteger a saúde ou ganhar a vida. Enfim, viu na crise

² - Pierre Félix Bourdieu foi um importante sociólogo francês estruturalista, ou seja, que observa a sociedade a partir das estruturas sociais e que criou vários conceitos para construir a sua teoria, a exemplo "capital cultural."



uma oportunidade para avançar seu programa de destruição de direitos e desmonte do Estado ("passar a boiada", como disse, em reunião ministerial, Ricardo Salles). Com tudo isto, era óbvio que o país necessitava que Bolsonaro fosse rapidamente retirado do cargo. Contudo, o Judiciário e o Legislativo preferiram apostar em táticas de acomodação, com a contenção apenas de alguns danos localizados. Não tenho dúvida de que pagamos por isto um preço elevado, de centenas de milhares de vida.

REVISTA ARTÍFICES: NA SUA AVALIAÇÃO, QUAIS FATORES DISTINGUEM A CRISE SANITÁRIA NO BRASIL A OUTRAS REALIDADES MUNDIAIS?

Luiz Miguel: Creio que o Brasil foi atingido pela crise na condição de um país pobre, isto é, com uma larga fatia de sua população enfrentando carências profundas, que dificultariam a adoção das medidas necessárias de higiene e de distanciamento social, e também de um país empobrecido, ou seja, que perdera parte de sua autonomia em setores que se mostrariam vitais durante a pandemia, como indústria farmacêutica e de suprimentos hospitalares o que aumenta a nossa dependência do exterior. Mas, por outro lado, entrou na pandemia com um importantíssimo sistema de saúde socializada, o SUS, que continuava de pé, embora estivesse combalido pela emenda constitucional do "teto de gastos", que atingiu duramente todos os serviços públicos, e pela sucessão de ministros da Saúde contrários a ele, nos governos Temer e Bolsonaro. Em meio a muitos problemas, o SUS representava uma esperança de que o Brasil tivesse condições para enfrentar a crise de maneira relativamente adequada. Porém, o que alterou o cálculo foi a presença de um presidente da República que atrelou seu interesse político ao negacionismo e tornou-se um verdadeiro sócio do vírus, contribuindo permanentemente para o agravamento da crise, motivado exclusivamente por uma computação política mesquinha e sem nenhuma preocupação humanitária. Bolsonaro é o grande fator que distingue a crise sanitária no Brasil. Deve-se exclusivamente a ele (e a seus cúmplices) o fato de que o Brasil tem, por qualquer critério, um dos piores registros de todo mundo no enfrentamento ao coronavírus.



REVISTA ARTÍFICES: PARTINDO DE UM OU MAIS ASPECTOS APRESENTADOS: CULTURA, TRABALHO, EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA. QUAIS SERIAM OS AVANÇOS E OS DESAFIOS DO PÓS-PANDEMIA?

Luiz Miguel: Não sei se é possível falar em avanços. A pandemia poderia nos trazer um salto na consciência ecológica, uma vez que resta pouca dúvida sobre a relação entre a destruição do mundo natural e o surgimento de novas doenças. Seria capaz de promover o entendimento de que o trabalho precisa ser protegido, uma vez que, no final das contas, é ele que produz toda a riqueza. Conseguiria ainda ressaltar a necessidade de um Estado com capacidade de coordenação efetiva e responsivo aos interesses populares. Mas não é isso o que estamos vendo. As forças do capital estão aproveitando a pandemia para ampliar a exploração da classe trabalhadora. A necessidade de "recuperar o tempo perdido" parece levar a uma ampliação da agressão ao mundo natural. Os grandes laboratórios, que colocam, como sempre, o lucro acima das pessoas, estão fazendo da vacinação um novo eixo de desigualdade entre pessoas e entre países. Creio que a pandemia coloca com mais urgência o desafio que a humanidade já vinha enfrentando: como evitar a barbárie e o colapso planetário aos quais o capitalismo está nos levando.

REVISTA ARTÍFICES: EM SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO OS PRESSUPOSTOS DA CRISE SANITÁRIA E, CONSEQUENTEMENTE, DO APROFUNDAMENTO DAS DEMAIS CRISES EM CURSO NO BRASIL?

Luiz Miguel: Acho que já antecipei minha opinião na resposta anterior. A pandemia, por si só, coloca uma série de grandes desafios, pois exige a interrupção de muitas atividades, inclusive econômicas. Tornara-se necessário um grande esforço de coordenação coletiva - e aqui o papel do Estado é logicamente crucial - para garantir simultaneamente a subsistência e a segurança das pessoas. É um momento em que o peso das desigualdades sociais avulta, por isso medidas para minorá-las se impõem de forma ainda mais aguda (auxílio financeiro para os mais pobres, acesso a serviços e equipamentos para que todos os estudantes possam ter aulas à distância, políticas ativas



de enfrentamento à violência doméstica etc.). O custo de um governo sem preocupação social e despreocupado com a vida do povo sempre é alto; nas condições da pandemia, torna-se insuportável.

REVISTA ARTÍFICES: FINALMENTE, AO SE ESTABELEECER UMA ARTICULAÇÃO ENTRE ESSES TEMAS, QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS PARA O BRASIL?

Luiz Miguel: As diversas crises no Brasil estão profundamente interligadas. A sensação é de que vivemos uma verdadeira crise civilizatória - que tudo aquilo que estávamos começando a construir como nação foi varrido por uma onda de violência e ignorância. Graças à pressão da sociedade e à força do SUS, vamos vencer a pandemia, mesmo que tardiamente e com muito mais sofrimento que o necessário. Mas a crise social, a crise econômica, a crise ambiental e a crise política só serão superadas com a derrota das forças que sustentaram o golpe contra a Constituição de 1988 e abriram o caminho para o bolsonarismo.

O desmonte do Estado, a retirada dos direitos, o aumento da exploração, tudo isto aponta para uma sociedade cada vez mais empobrecida, dependente e violenta. É necessário reconstruir os consensos básicos, mesmo que apenas nominais, que orientaram o debate público após a redemocratização e que se perderam com a crise iniciada com a deflagração do golpe de 2016: a aceitação da pluralidade de opiniões, a valorização do debate, a necessidade de construir um Brasil para todos combatendo exclusões e injustiças. A Democracia que, combate às desigualdades e o desenvolvimento nacional estão ligados, de forma inextricável.